

AURELIO PÉREZ JIMÉNEZ, JOSÉ RIBEIRO FERREIRA
E MARIA DO CÉU FIALHO
(COORDINADORES)

Adminiftri Principum.



EMBLEMA LIV.

*En tibi plura gerit, quàm lumina prebuit Argos
Rex; Aures totidem, quin totidemq; manus.
Hæc opus Imperio, fidis supplenda Ministris,
Regi hi sunt aures; lumina clara, manus.*

O Retrato e a Biografia como estratégia de teorização política

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
UNIVERSIDAD DE MÁLAGA

2004

(Página deixada propositadamente em branco)

AURELIO PÉREZ JIMÉNEZ

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

MARIA DO CÉU FIALHO

***O RETRATO LITERARIO
E A BIOGRAFIA
COMO ESTRATÉGIA
DE
TEORIZAÇÃO POLÍTICA***

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

UNIVERSIDAD DE MÁLAGA

2004

Obra publicada com a colaboração de:
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (Universidade de Coimbra)
International Plutarch Society

Primera edição, Junho de 2004

© IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
© ÁREA DE FILOLOGÍA GRIEGA. UNIVERSIDAD DE MÁLAGA

Coordenação editorial:

Imprensa da Universidade de Coimbra
Área de Filología Griega de la UMA

ISBN: 972-8704-25-9 (PORTUGAL)

ISBN: 84-608-0166-7 (ESPAÑA)

Depósito Legal: MA-1420

Impresso em Espanha

Execução gráfica:

IMAGRAF IMPRESORES, S.A.
c/ Nabucco 14
29006 Málaga
Tfno. 952328597

Página de rosto:

“Dos Princeses Transumptos verdadeiros”: Francisco António Novaes Campos, *Príncipe perfeito. Emblemas de D. João de Solórzano*. Edição fac-similada do manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro oferecido ao Príncipe D. João em 1790 (Prefácio, introdução, comentário e índices por Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto), Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa, 1985, *Emblema LIV*, p. 114.

IL PRINCIPE OU DE PRINCIPATIBUS DE NICCOLÒ MACHIAVELLI O PRINCIPE NOVO QUE PARECE ANTIGO

Rita Marnoto
Universidade de Coimbra

1

As circunstâncias em que foi elaborada a redacção da obra de Niccolò Machiavelli intitulada *De principatibus*, mais conhecida como *Il Principe*¹, foram relatadas pelo seu próprio autor, numa célebre carta dirigida ao amigo Francesco Vettori, a 10 de Dezembro de 1513:

¹ A redacção de *Il Principe* é genericamente colocada em finais de 1513, sem descartar a hipótese de que se tenha prolongado por inícios de 1514, de acordo com as conclusões de Federico Chabod, “Sulla composizione de *Il Principe* di Niccolò Machiavelli” [1927], *Scritti su Machiavelli*. Torino, Einaudi, 1993, pp. 140-93; e de Gennaro Sasso, “*Il Principe* ebbe due redazioni?” [1981], *Machiavelli e gli antichi e altri saggi*. Milano, Napoli, Riccardo Ricciardi, 1988, v. 2, pp. 197-276. Todavia, para Mario Martelli, a sua composição ter-se-ia estendido por um período de tempo muito alargado, sem que nunca tivesse vindo a ser verdadeiramente terminada; vd. “Da Poliziano a Machiavelli. Sull’epigramma dell’ occasione‘ e sull’ occasione” : *Interpres*, 2, 1979, pp. 230-54. A edição *princeps* foi batida em Roma, por Antonio Blado, no ano de 1532, com o título, *Il Principe*. Para uma leitura interpretativa da obra, vd. Remo Ceserani / Lidia De Federicis, *Il materiale e l’immaginario. Laboratorio di analisi dei testi e di lavoro critico. 4. La società signorile*. Torino, Loescher, [1979] 1994, pp. 1058-91; e Giorgio Inglese, “*Il Principe (De principatibus)* di Niccolò Machiavelli”: *Letteratura italiana*. Direzione Alberto Asor Rosa. *Le opere. I. Dalle Origini al Cinquecento*. Torino, Einaudi, 1992, pp. 889-941.

Venuta la sera, mi ritorno in casa, et entro nel mio scrittoio; et in su l'uscio mi spoglio quella veste cotidiana, piena di fango et di loto, et mi metto panni reali e curiali; et rivestito condecientemente entro nelle antiche corti degli antiqui huomini, dove, da loro ricevuto amorevolmente, mi pasco di quel cibo, che solum è mio, et che io nacqui per lui; dove io non mi vergogno parlare con loro et domandarli della ragione delle loro actioni; et quelli per loro humanità mi rispondono; et non sento per 4 hore di tempo alcuna noia, sdimenticho ogni affanno, non temo la povertà, non mi sbigottiscie la morte: tucto mi transferisco in loro: E perché Dante dice che non fa scienza senza lo ritenere lo havere inteso, io ho notato quello di che per la loro conversatione ho fatto capitale, et composto uno opusculo *De principatibus*, dove io mi profondo quanto io posso nelle cogitationi di questo subbietto, disputando che cosa è principato, di quale spetie sono, come e' si acquistono, come e' si mantengono, perché e' si perdono. Et se vi piacque mai alcuno mio ghiribizo, questo non vi doverrebbe dispiacere; et a un principe, et maxime a un principe nuovo, doverrebbe essere accetto; però io lo indirizzo alla Magnificenza di Giuliano².

O texto dessa carta é, para os estudiosos, um documento precioso, pois ilustra um momento muito particular da sua biografia³. A família Medici governou Florença, ao longo do século XV, até 1494. Nesse ano, o Rei de França, Carlos VIII, desceu até Florença, e Pietro dei Medici rendeu-se ao seu poderio. Os Florentinos, descontentes, sublevaram-se e instauraram uma República, que se encontrava ligada, numa primeira fase, à figura de Gerolamo Savonarola⁴. Machiavelli ocupa, então, importantes

² Niccolò Machiavelli, *Tutte le opere*. A cura di Mario Martelli, Firenze, Sansoni, 1971, p. 1160.

³ Quanto à biografia de Machiavelli, são fundamentais: Pasquale Villari, *Niccolò Machiavelli e i suoi tempi. Illustrato con nuovi documenti*. [1877-1882] Milano, Hoepli, 1912, 3 v. [v. 1 e 2 reed. a cura di Michele Scherillo, Milano, Hoepli, 1927]; Oreste Tommasini, *La vita e gli scritti di Niccolò Machiavelli nella loro relazione col machiavellismo*. Torino, Roma, Loescher, 1883-1911, v. 1 [reed. anastática, Bologna, Il Mulino, Istituto per gli Studi Storici, 1994] e v. 2, com 2 t.; e Roberto Ridolfi, *Vita di Niccolò Machiavelli*. [1954] Firenze, Sansoni, 1978, 7. ed. accresciuta e riveduta.

⁴ Savonarola era um frade dominicano nascido em Ferrara, que veio para Florença em 1480. Fascinava todos quantos ouviam as suas prédicas visionárias. Criticava duramente a corrupção dos costumes, bem como a actuação dos Medici. Não admira, pois, que, quando o poder dessa casa foi derrubado, em 1494, Savonarola passasse a ocupar um lugar proeminente no governo da República. No entanto, a intransigência das suas posições foi explorada pelos seus inimigos, o que determinou o seu fim. Machiavelli não o valoriza muito, enquanto político: “[...] furono condannati a morte dalla Signoria, per conto di stato, cinque cittadini; e volendo quegli appellare, non furono lasciati, e non fu osservata la legge. Il che tolse più riputazione a quel frate, che alcuno altro accidente: perché, se quella appellazione era utile, e' doveva farla osservare; se la non era utile, non

funções no novo governo. Mas quando, em 1512, o regime republicano é derrubado, e os Medici voltam a presidir aos destinos de Florença, além de ser afastado da Chancelaria, é feito prisioneiro e é submetido a torturas. Posteriormente, veio a ser exilado na casa de campo que possuía perto de San Casciano. É do retiro campestre que escreve ao amigo, contando-lhe como ocupa o seu tempo.

Machiavelli (Florença, 1469–1527) pertencia a uma prestigiada família florentina, muito ligada à administração comunal. Recebeu uma sólida formação humanista, centrada sobre o estudo dos clássicos latinos. O período em que viveu foi marcado pelas grandes conturbações decorrentes do derrube dos Medici e da instauração de um regime republicano. Apesar de ter feito algumas tentativas para se inserir no novo sistema administrativo instituído em 1494, numa primeira fase, nunca o conseguiu. Todavia, no mesmo ano em que Savonarola foi condenado a fogueira, como herético, ou seja, em 1498, obteve um alto cargo, o de Secretário da Chancelaria florentina, adido à magistratura dos *Dieci di libertà e di pace*, a qual era responsável pelas relações com o estrangeiro e pela organização militar. Durante quinze anos, desdobrou-se em tarefas relacionadas não só com toda a orgânica burocrática da República, como também com o plano da organização militar e da diplomacia. Deslocou-se várias vezes a França e à Alemanha, e chefiou importantes missões dirigidas ao Papa e a Cesare Borgia. Esse desempenho diplomático afinou, na sua personalidade, um talento para a análise dos mecanismos da vida política, bem como uma sagacidade na captação do perfil dos homens de Estado com quem estabeleceu relações diplomáticas, que foram literariamente traduzidos através de textos dotados de capacidades expressivas muito singulares, no contexto da prosa renascentista. Recordem-se, pois, *Legazioni* e *Commissarie*, compilação de relatórios de várias missões; a *Descrizione del modo tenuto dal duca Valentino nello ammazzare Vitellozzo Vitelli*, que se distingue pela acuidade com que são captadas e descritas todas as determinantes em jogo na política do Duque; o *Ritratto di cose di Francia* e o *Ritratto delle cose della Magna*, que primam não só pela viva descrição, que nas suas páginas é levada a cabo, de costumes estrangeiros, como também pela finura com que são retratados governantes e funcionários de Estado. Por sua vez, em *Parole da dirle sopra la provisione del danaio* e em *Del modo di*

doveva farla vincere. E tanto più fu notato questo accidente, quanto che il frate, in tante predicationi che fece poi che fu rotta questa legge, non mai o dannò chi l'aveva rotta, o lo scusò; come quello che dannare non la voleva, come cosa che gli tornava a proposito, e scusare non la poteva. Il che avendo scoperto l'animo suo ambizioso e partigiano, gli tolse riputazione, e dettegli assai carico." (*Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio*, 1.45, *Tutte le opere*, p. 127).

trattare i popoli della Valdichiana ribellati, ficam contidos preceitos no domínio militar, financeiro e organizativo, que têm em vista a promoção dos valores cívicos da cidade. O crescente envolvimento na *res publica* deixou-lhe ainda tempo para se dedicar à composição de uma crónica versificada da história italiana e florentina, da qual redigiu as duas primeiras partes, o *Decennale primo* e o *Decennale secondo*.

Afastado da Chancelaria, quando o regime republicano de Pier Soderini cai e os Medici recuperam o governo da cidade, Machiavelli dedicar-se-á mais intensamente à escrita. Durante o período que passa em San Casciano, trabalha, em particular, na redacção de duas obras, os *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio* e *Il Principe*. Nas suas páginas, reflectem-se todas as tensões que agitam a sua mente, iluminadas, porém, pela longa prática de mundo que entretanto acumulara. É esse o contexto que serve de pano de fundo à carta que dirige a Francesco Vettori, em 10 de Dezembro de 1513.

Francesco Vettori, filho de Piero e de Caterina Ruscellai, foi autor de várias obras de carácter historiográfico, tendo desenvolvido, além disso, uma intensa actividade diplomática, não só ao serviço da República florentina, como também da família Medici. A missiva de Machiavelli é resposta à carta que lhe enviara a 23 de Novembro, de Roma, cidade onde se encontrava a desempenhar funções diplomáticas. O contraponto dialógico que se estabelece entre os dois textos mostra bem o espírito que o animava, bem como o significado que atribuía à redacção de *Il Principe*, o seu *ghiribizo*, de acordo com a expressão que por ele próprio é utilizada⁵.

Cada um dos interlocutores descreve como passa o dia, por sinal em ambientes radicalmente diferenciados, já que um se encontra no coração de Roma, e outro nos arrabaldes rurais de Florença⁶. Daí decorrem os efeitos especulares de imagem invertida que ligam as duas cartas. O Embaixador na cidade eterna levanta-se tarde, para ir, de quando em quando, até à Sede papal: “Quivi, qualche volta, parlo venti parole al Papa, dieci al cardinale de’ Medici, sei al magnifico Giuliano; et se non posso parlare a llui, parlo a Pietro Ardinghelli, poi a qualche imbasciadore che si

⁵ *Ghiribizo* é uma daquelas palavras cuja integração, no léxico italiano, se processou através da pena de Machiavelli. Designa uma ideia bizarra e fora do comum, de forte pendor lúdico. Provavelmente, já antes circularia no âmbito do vocabulário jocoso florentino. Não se trata de um exemplo isolado, pois o autor de *Il Principe* cunhou ou revitalizou muitos outros termos. É também esse o caso de *castellucci*, castelos no ar, ou de *badaluccho*, pasatempo, lexema a que Machiavelli recorre nessa mesma carta (cf. infra, n. 13). O uso desta última palavra encontra-se anteriormente documentado no *Morgante* de Luigi Pulci.

⁶ O paralelismo entre os dois textos foi posto em relevo por Giulio Ferroni, “Le ‘cose vane’ nelle *Lettere* di Machiavelli”: *Rassegna della Letteratura Italiana*, 76, 1972, pp. 215-64.

truova per quelle camere; e intendo qualchoxetta, pure di poco momento.”⁷. Outros são os hábitos do exilado nos arredores de Florença: “Io mi lievo la mattina con el sole et vommene in un mio boscho che io fo tagliare, dove sto dua hore a rivedere l’opere del giorno passato, et a passar tempo con quegli tagliatori, che hanno sempre qualche sciagura alle mane o fra loro o co’ vicini.”⁸. À vida ociosa de Vettori, que se passeia entre gente com quem mantém diálogos de tal modo formais que até as palavras são contadas, numa vã atitude protocolar, Machiavelli contrapõe o rigor dos seus hábitos e a rudeza do convívio entre os lenhadores. Se o primeiro ainda ofereceu alguns banquetes, servidos nas pratas que pediu de empréstimo, logo se desiludiu, em virtude das grandes somas que teve de desembolsar, e dos escassos proventos negociais daí advindos⁹. Por sua vez, o segundo come o que a terra lhe dá, vai até à taberna, e “così rinvolto entra questi pidocchi traggio el cervello di muffa, et sfogo questa malignità di questa mia sorta, sendo contento mi calpesti per questa via, per vedere se la se ne vergognassi”¹⁰. Pelo que diz respeito à forma como Vettori passa o seu tempo livre, é feita alusão a passeios e a cavalgadas, assim como ao convívio com mulheres pouco recomendáveis¹¹. Mas os seus serões são bem ocupados com a leitura dos antigos: “a nocte, torno in casa; et ho ordinato d’havere historie assai, maxime de’ Romani, chome dire Livio chon lo epitoma di Lucio Floro, Salustio, Plutarcho, Appiano Alexandrino, Cornelio Tacito, Svetonio, Lampridio et Spartiano, et quelli altri che scrivono delli imperatori, Herodiano, Ammiano Marcellino et Procopio: et con essi mi passo il tempo; et considero che

⁷ “Francesco Vettori a Niccolò Machiavelli. Roma, 23 novembre 1513”: Niccolò Machiavelli, *Tutte le opere*, p. 1157.

⁸ “Niccolò Machiavelli a Francesco Vettori. Firenze, 10 dicembre 1513”, *ib.*, p. 1159.

⁹ “Nel principio ci venni, cominciai a volere vivere lauto e delicato, con invitare forestieri, dare 3 o 4 vivande, mangiare in argenti e simil’ choxe; acorsimi poi che spendevo troppo, et non ero di meglio niente; in modo che feci pensiero non invitare nessuno et vivere a un buono ordinario: li argenti restitui’ a chi me li haveva prestati, sì per non li have a guardare, sì anchora perché spesso mi richiedevono parlassi a N. S. per qualche loro bisogno” (“Francesco Vettori a Niccolò Machiavelli. Roma, 23 novembre 1513”, p. 1157).

¹⁰ “Niccolò Machiavelli a Francesco Vettori. Firenze, 10 dicembre 1513”, pp. 1159-60.

¹¹ Que é referido com uma dissimulação que facilmente pode reverter em jactância: “Se voi mi domandassi se ho nessuna cortigiana, vi dico che da principio ci venni, n’hebbi chome vi scrissi; poi, impaurito dell’aria della state, mi sono ritenuto. Nondimeno n’havevo aveza una, in modo che spesso ci viene per se medesima, la quale è assai ragionevole di bellezza, et nel parlare piacevole. Ho anchora in questo luogo, benché sia solitario, una vicina che non vi dispiacerebbe; e benché sia di nobil parentato, fa qualche faccenda.” (“Francesco Vettori a Niccolò Machiavelli. Roma, 23 novembre 1513”, p. 1158).

imperatori ha sopportati questa misera Roma che già fece tremare il mondo, et che non è suta maraviglia habbi anchora tollerati dua pontefici della qualità sono suti e passati”¹². Nesse ponto, gera-se entre as duas cartas um efeito de inversão essencial para a interpretação da estratégia que subjaz a *Il Principe*.

Com efeito, se, para Vettori, os clássicos são alimento de solitários e tranquilos serões, para Machiavelli, os *auctores* fazem parte de um quotidiano esforçado. Carregado com as gaiolas e as armadilhas que usa para caçar tordos¹³, compara-se a Geta, célebre personagem de inspiração plautiniana, quando regressava a casa, esmagado pelo peso dos livros do seu patrão, Anfitrião¹⁴. Nas voltas que dá pelas suas propriedades, leva consigo Dante e Petrarca, bem como os poetas latinos de temática amorosa¹⁵. E, finalmente, quando cai a noite, entra num outro mundo¹⁶. Factual ou imaginário que seja, na sua esfera, o convívio com o saber erudito alia-se ao debate acerca das efectivas motivações da actuação humana. Sob a égide de Dante, é dessa intersecção que nasce a ciência, entre o *ritenere* e o *havere inteso*.

Machiavelli encontra-se distante do poder, o que o leva a enfatizar o jogo de dualidades que imbui o seu posicionamento, através de um bizarro *ghiribizo*. À uniformidade do quotidiano de Vettori, serve de contraponto a teatralidade da sua actu-

¹² *Ib.*

¹³ “Ho infino a qui uccellato a’ tordi di mia mano. Levavomi innanzi di, inpaniavo, andavone oltre con un fascio di gabbie addosso, che parevo el Geta quando e’ tornava dal porto con e libri d’Amphitrione; pigliavo el meno dua, el più sei tordi. E così stetti tutto settembre; dipoi questo badalucco, ancora che dispettoso et strano, è mancato con mio dispiacere.” (“Niccolò Machiavelli a Francesco Vettori. Firenze, 10 dicembre 1513”, p. 1159).

¹⁴ Trata-se de uma personagem da novela versificada Geta e Birria, que se inspira na comédia de Plauto, Anfitrião. O regresso a casa de Anfitrião, vindo de Atenas, onde estivera a estudar, é precedido pela chegada de Geta, que carrega os seus livros. Em Machiavelli, os efeitos dialógicos fazem-se ainda mais complexos, se considerarmos que o passo citado na nota anterior tem por referência, na carta de Vettori, a mudança que ocorreu no seu quotidiano romano, também durante o Verão: “Et mi par conveniente farvi noto, la prima coxa, dove habito, perché mi sono tramutato, né sono più vicino a tante cortigiane, quanto ero questa state.” (“Francesco Vettori a Niccolò Machiavelli. Roma, 23 novembre 1513”, p. 1157).

¹⁵ “Partitomi del bosco, io me ne vo a una fonte, et di quivi in un mio uccellare. Ho un libro sotto, o Dante o Petrarca, o un di questi poeti minori, come Tibullo, Ovidio et simili: leggo quelle loro amorose passoni et quelli loro amori, ricordomi de’ mia, godomi un pezzo in questo pensiero.” (“Niccolò Machiavelli a Francesco Vettori. Firenze, 10 dicembre 1513”, p. 1159).

¹⁶ *Vd.*, supra, a primeira citação da carta de 10 de Dezembro de 1513.

ação — que, além de desdobrar a do seu interlocutor, se desdobra sobre si própria, entre o dia e a noite¹⁷. Não é em vão que, depois de ter consagrado a sua juventude ao estudo dos *auctores*, e depois de ter dedicado quinze anos da sua vida madura ao serviço da Chancelaria florentina, recorda a sua ciência e a sua experiência. Eis o fulcro do *De principatibus*.

2

O *De principatibus* insere-se na tradição literária da tratadística consagrada à formação do governante e à governação, mas para introduzir nesse filão importantes inovações. A tipologia dos *specula principum* tem antecedentes antigos, embora a designação, também ela muito utilizada, *de regimine principum*, tome por exemplo o título dos famosos tratados de S. Tomás de Aquino e de Egidio Colonna¹⁸. No século XV, em Itália, a afirmação das cidades-estado e a concentração do poder na figura de eminentes governantes, ou de famílias muito influentes, irá criar um clima propício ao seu florescimento. O *De regis et boni principis officio* (ca. 1480) de Diomede Carafa, o *Memoriale sui doveri del principe* (ca.1476), de Bartolomeo Sacchi, chamado *il Platina*, que apenas conhecemos através da tradução *De vero principe* (ca. 1481), o *De regno et regis institutione* (ca. 1494) de Francesco Patrizi, ou o *De principe liber* (ca. 1468) de Giovanni Pontano, são alguns dos seus mais famosos antecedentes imediatos¹⁹. Macchiavelli estava ciente de percorrer caminhos já trilhados, porquanto afirma, no capítulo 15, “[...] io so che molti di questo hanno scritto”²⁰, embora assuma uma grande distância relativamente à perspectiva à luz da qual as questões de Estado tinham sido anteriormente tratadas, como veremos.

¹⁷ A mestria com que Machiavelli maneja a arte do duplo atinge resultados brilhantes na sua obra teatral, constituída por duas comédias, *Mandragola* e *Clizia*, como se mostra, pelo que diz respeito à primeira, em Rita Marnoto, “A *Mandragola* e o seu duplo”: *Estudos Italianos em Portugal*, 54-55-56, 1991-1992-1993, pp. 169-83.

¹⁸ Sobre os vários títulos conferidos aos tratados de educação, *vd.* Nair de Nazaré Castro Soares, *O Príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1994, pp. 294-96. Nesse estudo, ficam contidas informações essenciais sobre a caracterização e a evolução histórica desse filão literário; as pp. 198-208 são especificamente dedicadas a Machiavelli.

¹⁹ *Vd.* Allan H. Gilbert, *Machiavelli's Prince and Its Forerunners. The Prince as a Typical Book De Regimine Principum*. [1938] New York, Barnes and Noble, 1968.

²⁰ *Il Principe, Opere complete*, p. 280.

A obra é composta por 26 capítulos em prosa, cada um dos quais é encimado por um *incipit* latino, e abre-se com uma dedicatória, “Nicolaus Maclavellus ad Magnificum Laurentium Medicem”. Através de um raciocínio que procede por casas alternadas, logo no primeiro capítulo é explanada a lógica da orgânica analítica que será depois aprofundada:

Quot sint genera principatuum et quibus modis acquirantur

Tutti gli stati, tutti e' dominii che hanno avuto e hanno imperio sopra gli uomini, sono stati e sono o republiche o principati. E' principati sono, o ereditarii, de' quali el sangue del loro signore ne sia suto lungo tempo principe, o e' sono nuovi. E' nuovi, o sono nuovi tutti, come fu Milano a Francesco Sforza, o sono come membri aggiunti allo stato ereditario del principe che li acquista, come è el regno di Napoli al re di Spagna. Sono questi dominii cosi acquistati, o consueti a vivere sotto uno principe, o usi ad essere liberi; e acquistonsi o con le armi d'altri o con le proprie, o per fortuna o per virtù²¹.

Como as dificuldades em dominar Principados recentemente adquiridos são maiores, é sobre o seu governo que se propõe dissertar mais detalhadamente. Nesse sentido, nas páginas que se seguem, são analisadas várias questões que dizem respeito à política externa, à relação entre *fortuna* e *virtù* e à organização militar. As considerações que elabora são constantemente ilustradas por exemplos que vão desde Moisés, a Rómulo e ao rei de França. Mas Machiavelli acentua claramente a importância das próprias capacidades do Príncipe, apresentando como exemplo a figura de Cesare Borgia, cujo perfil é traçado no capítulo 7. Cesare Borgia, chamado o Valentino por ser duque do Valentinois, era filho do poderoso papa Alexandre VI. Apoderou-se dos territórios da Romagna, graças à fortuna e ao apoio das armas do pai, tendo sido, além disso, um bom governante, não só pela forma como lidou com o povo e com os inimigos, como também por ter sabido organizar as suas milícias e por ter sido capaz de consolidar o seu poderio. No entender do autor, o seu único erro foi o de não ter evitado a eleição do papa Júlio II, quando seu pai morreu²².

O início da segunda parte da obra costuma ser colocado no capítulo 12. Esse capítulo, bem como os dois seguintes, são consagrados à organização interna do

²¹ *Ib.*, p. 258. O plano da obra corresponde, genericamente, ao apresentado a Francesco Vettori na carta de 10 de Dezembro de 1513. *Vd., supra*, a primeira citação desse texto.

²² “[...] Non potendo fare uno papa a suo modo, e' poteva tenere che uno non fussi papa; e non doveva mai consentire al papato di quelli cardinali che lui avessi offesi, o che, diventati papi, avessino ad avere paura di lui.” (*ib.*, pp. 268-69).

Principado. É dada grande atenção às milícias. As mercenárias e auxiliares são consideradas inúteis, quando não perigosas, por serem indisciplinadas e infiéis. Essas páginas servem de introdução ao grande tema que diz respeito à caracterização do Príncipe, conforme será desenvolvido a partir do capítulo 15, que se intitula, “De his rebus quibus homines et praesertim principes laudantur aut vituperantur”.

Entre a primeira e a segunda parte, estabelecem-se elos de perfeita coerência. As considerações feitas acerca das várias formas de Principado e das grandes questões governativas têm por correlato o perfil do homem de poder subsequentemente traçado. O retrato do Príncipe decorre logicamente, pois, das observações que anteriormente haviam sido feitas, num outro plano. Daí que, ao título que ao tratado foi conferido pelo próprio autor, *De principatibus*, o *usus* tivesse sobreposto o de *Il Principe*.

Esse retrato corresponde a uma estratégia de teorização de ordem pessoal, política e literária, que vamos analisar.

3

Machiavelli não dissocia os propósitos de obter um cargo, na nova administração dos Medici, da intenção de dedicar a obra a um dos membros dessa poderosa família, conforme confidencia ao amigo Francesco Vettori:

Io ho ragionato con Filippo di questo mio opusculo, se gli era ben darlo o non lo dare; et, sendo ben darlo, se gli era bene che io portassi, o che io ve lo mandassi. El non lo dare mi faceva dubitare che da Giuliano e' non fussi, non ch'altro, letto, et che questo Ardinghelli si facessi honore di questa ultima mia faticha. El darlo mi faceva la necessità che mi caccia, perché io mi logoro, et lungo tempo non posso star così che io non diventi per povertà contennendo, appresso al desiderio harei che questi signori Medici mi cominciassino adoperare, se dovessino cominciare a farmi voltolare un sasso; perché, se poi io non me gli guadagnassi, io mi dorrei di me; et per questa cosa, quando la fussi letta, si vedrebbe che quindici anni che io sono stato a studio all'arte dello stato, non gl'ho né dormiti né giuocati; et doverrebbe ciascheduno haver caro servirsi d'uno che alle spese d'altri fussi pieno di esperienza²³.

Na verdade, acabou por não a dedicar a Giuliano dei Medici, que era o filho mais novo de Lorenzo, *il Magnifico*, e que governou Florença no período que se seguiu ao derrube da República, consagrando-a antes a Lorenzo dei Medici, *il Giovane*, filho de

²³ “Niccolò Machiavelli a Francesco Vettori. Firenze, 10 dicembre 1513”, p. 1160.

Pietro dei Medici e neto de Lorenzo, *il Magnifico*, que sucedeu a seu tio, Giuliano.

Um dos méritos do Príncipe que retrata, em particular do Príncipe que ascendeu ao poder há pouco tempo, é o de saber tirar o melhor proveito da colaboração daqueles que lhe inspiram suspeitas, conforme observa no capítulo 20 do tratado:

Hanno e' principi, et praesertim quelli che sono nuovi, trovato più fede e più utilità in quegli uomini che nel principio del loro stato sono suti tenuti sospetti, che in quelli che nel principio erano confidenti. Pandolfo Petrucci, principe di Siena, reggeva lo stato suo più con quelli che li furono sospetti che con li altri. Ma di questa cosa non si può parlare largamente, perchè la varia secondo el subietto. Solo dirò questo, che quegli uomini che nel principio di uno principato erono stati inimici, che sono di qualità che a mantenersi abbino bisogno di appoggiarsi, sempre el principe con facilità grandissima se li potrà guadagnare; e loro maggiormente sono forzati a servirlo con fede, quanto conoscano essere loro più necessario cancellare con le opere quella opinione sinistra che si aveva di loro; e così il principe ne trae sempre più utilità, che di coloro che, servendolo con troppa sicurtà, straccurano le cose sua²⁴.

Esse conjunto de dados é fundamental para a compreensão do contexto de ordem pessoal que acompanhou a gênese da obra. No entanto, seria absolutamente limitativo conceber a sua redacção, bem como as circunstâncias da sua dedicatória, em função de um jogo de interesses que o seu autor tivesse gerido de forma mais ou menos oportunista. Aliás, a correlação de propósitos poderá ser interpretada em função de uma óptica absolutamente diversa. A sugestão parte de um conceituado estudioso de Machiavelli e da sua obra, Carlo Dionisotti. Em 1515, chegaram de Roma indicações no sentido de que não lhe fosse atribuído o desejado cargo. Todavia, no entender desse crítico, o interdito visava não só o funcionário da República deposta, como também o autor de *Il Principe*, obra cujo teor não teria agradado ao círculo romano dos Medici²⁵.

A mudança de destinatário costuma ser interpretada como sinal de uma outra mudança, processada no âmbito da esfera dos seus interesses lucrativos. Esse período assinala a ascensão de vários membros da poderosa família florentina a cargos de primeiro plano. Giuliano assume as funções de *Gonfaloniere* da Igreja. Giovanni, seu irmão, é eleito Papa em 1513, com o nome de Leão X. Por sua vez,

²⁴ *Il Principe*, p. 290.

²⁵ “Nel 1515 il veto di Roma non era soltanto per l'ex segretario e uomo di fiducia dell'ex gonfaloniere; anche era per l'autore del *Principe*.” (Carlo Dionisotti, “Machiavelli, Cesare Borgia e don Micheletto” [1967], *Machiavellerie. Storia e fortuna di Machiavelli*. Torino, Einaudi, 1981, p. 36).

Lorenzo passa a dirigir os destinos da cidade, ao passo que Giulio, futuro papa Clemente VII, é nomeado Arcebispo de Florença e Cardeal. É nesse quadro que Giorgio Inglese²⁶ interpreta a mudança de destinatário de *Il Principe* como uma deslocação de perspectiva política, por parte de Machiavelli. O seu ponto de vista, mais do que romano, passa a ser florentino, uma vez que, a partir de um certo ponto, opta por centrar a sua atenção, não tanto sobre as questões que dizem respeito ao exercício do poder na cidade eterna, como sobre o governo da sua cidade pátria.

O texto da dedicatória a Lorenzo dei Medici segue as boas regras da retórica encomiástica. No entanto, é muito subtil o rendilhado que liga o autor de *Il Principe* ao respectivo destinatário. Machiavelli de modo algum apresenta Lorenzo como exemplo inspirador do retrato do Príncipe que descreve, subvertendo, assim, as normas de um padrão muito difundido na época. De outra forma, coloca nas suas mãos um instrumento que lhe permitirá granjear grandeza. O alcance desse ideal é propiciado pelas suas qualidades, ficando subentendido, contudo, que tais dons poderão não se bastar a si próprios. É também necessário que a oferta que depõe nas suas mãos seja *diligentemente* analisada e *diligentemente* lida:

Pigli, adunque, Vostra Magnificenzia questo piccolo dono con quello animo che io lo mando; il quale se da quella fia diligentemente considerato e letto, vi conoscerà dentro uno estremo mio desiderio, che Lei pervenga a quella grandezza che la fortuna e le altre sue qualità gli promettano. E se Vostra Magnificenzia dallo apice della sua altezza qualche volta volgerà gli occhi in questi luoghi bassi, conoscerà quanto io indegnamente sopporti una grande e continua malignità di fortuna²⁷.

Desta feita, Machiavelli canaliza a atenção de Lorenzo para o próprio livro e, por essa via, para a pessoa do seu autor, bem como para as condições em que se encontra. A iniquidade da situação não é, porém, apresentada, como um mero lamento enfático, mas justificada em função do próprio saber e das próprias capacidades de quem escreve. Ao longo dos muitos anos em que ocupou o cargo de Secretário da Chancelaria florentina, adido à magistratura dos *Dieci di libertà e di pace*, Machiavelli acumulou, efectivamente, uma experiência não desprezível, cujo fruto coloca à disposição de Lorenzo²⁸. O desejo de ser novamente integrado na administração

²⁶ *Op. cit.*, p. 892; vd. Carlo Dionisotti, “Dalla repubblica al principato” [1971], *Machiavellerie. Storia e fortuna di Machiavelli*, pp. 108-109.

²⁷ *Il Principe*, p. 257.

²⁸ “[...] Confido assai che per sua umanità li debba essere accetta, considerato come da me non gli possa essere fatto maggiore dono che darle facultà a potere in brevissimo

governativa de modo algum o leva a dobrar-se, numa vã atitude de subserviência²⁹. Se qualifica a situação em que se encontra, modalmente, através do advérbio *indignamente*, é porque o grande valor de ordem pessoal que subjaz ao tratado que escreveu é a intransigente defesa da sua dignidade.

Não é um presente de índole material que dá a Lorenzo, conforme sublinha no início da dedicatória, nem o estilo da obra que lhe consagra é enfatuido por ornamentos extrínsecos:

Desiderando io, adunque, offerirmi alla Vostra Magnificenzia con qualche testimone della servitù mia verso di quella, non ho trovato, intra la mia suppellettile, cosa quale io abbi più cara o tanto esistimi quanto la cognizione delle azioni degli uomini grandi, imparata da me con una lunga esperienza delle cose moderne e una continua lezione delle antique; le quali avendo io con gran diligenza lungamente escogitate ed esaminate, e ora in uno piccollo volume ridotte, mando alla Magnificenzia Vostra³⁰.

O que lhe oferece é a sua *cognizione delle azioni degli uomini grandi*, ou seja, os conhecimentos adquiridos através de uma longa experiência *delle cose moderne e una continua lezione delle antique*. Mas esse saber nunca se poderia ter erigido em ciência, se Machiavelli não tivesse partido de uma estratégia pessoal. É por essa via que *Il Principe* se distingue dos tantos tratados que, na época, foram dedicados a temas semelhantes. A posição assumida pelo seu autor, na defesa de uma dignidade ofendida, propiciou, pois, a elaboração de uma análise distanciada, que se traduziu em ciência antiga e moderna.

4

Por conseguinte, quando Machiavelli consagra o seu tratado a Lorenzo dei Medici, ilustre membro de uma família de quem o governo da República tinha sido adversário, rende-se a uma realidade superior, a política e as estratégias que lhe são próprias.

tempo intendere tutto quello che io, in tanti anni e con tanti mia disagi e pericoli, ho conosciuto e inteso.” (*ib.*).

²⁹ Chegando mesmo a relativizar as posições de superioridade e de inferioridade: “Né voglio sia reputata presunzione se uno uomo di basso ed infimo stato ardisce discorrere e regolare e’ governi de’ principi; perché, così come coloro che disegnano e’ paesi si pongono bassi nel piano a considerare la natura de’ monti e de’ luoghi alti, e per considerare quella de’ bassi si pongono alti sopra e’ monti, similmente, a conoscere bene la natura de’ populi, bisogna essere principe, e a conoscere bene quella de’ principi, bisogna essere popolare” (*ib.*).

³⁰ *ib.*

Il Principe centra-se sobre o debate de temas cuja acuidade, no contexto florentino daquela época, era muito premente³¹. Ao longo de sessenta anos consecutivos, ou seja, entre 1434 e 1494, Florença fora governada pelos Medici, através de um regime aparentemente representativo, mas cujo poder se firmava sobre um progressivo enfraquecimento dos conselhos. O próprio Lorenzo, *il Magnifico*, fora alvo de uma conjura, a conjura *dei Pazzi*, que logo converteu em motivo para fortalecer a sua autoridade. A República instaurada na sequência da deposição dessa família reflectia interesses cívicos mais amplos, pelo que diz respeito à classe média, embora o mesmo não se passasse, obviamente, em relação à alta aristocracia. Mas esse alargamento acarretou a eclosão de um grande número de tensões. No plano interno, o ritmo de desenvolvimento económico criava profundas assimetrias no seio de ambientes e de grupos profissionais homólogos. No plano externo, a tradicional aliança com a França parecia, mais do que nunca, desajustada ao xadrez político italiano. Mas, à agitação decorrente desse conjunto de factores, havia a acrescentar a grande ameaça à estabilidade governativa provinda do descontentamento de famílias detentoras de uma posição social muito elevada, e que não se encontravam representadas no governo.

Todavia, os Florentinos tinham um grande orgulho no seu talento administrativo, fazendo gala da objectividade e do racionalismo com que eram capazes de observar e gerir situações difíceis. Precisamente por esse motivo, em momentos de particular inquietude, como os que então se viviam, um dos seus grandes temores era, segundo Felix Gilbert³², aquela parte da vida política que não podia ser explicada por via racional e que costumava ser remetida para o vasto e obscuro domínio abrangido pelo conceito de fortuna.

Quando os Medici recuperaram o poder, em 1512, deparam-se com uma cidade agitada por todas essas interrogações. A opinião de acordo com a qual o desejo de Lorenzo seria o de levar a cabo uma operação de centralização de poder é hoje consensualmente aceite. Mas o Príncipe dos Medici devia obediência a seu tio, o papa Leão X, que lhe impôs uma política de equilíbrio³³. Entre vontade própria e sobre-

³¹ Para a inserção do pensamento político de Machiavelli no seu contexto epocal, *vd.* Felix Gilbert, *Machiavelli e Guicciardini. Pensiero politico e storiografia a Firenze nel Cinquecento*. Torino, Einaudi, 1970 [trad. de *Machiavelli and Guicciardini. Politics and History in Sixteenth-Century Florence*, 1965], em particular as pp. 15-171; e Carlo Dionisotti, “Dalla repubblica al principato”.

³² *Op. cit.*, pp. 121-22.

³³ *Cf. supra*, n. 25.

determinações, o seu governo ficou-se por uma encenação de aparências, e o debate de ideias transformou-se num exercício intelectual.

Nesse quadro, afloram claramente os grandes temas que servem de cenário ao retrato que é traçado em *Il Principe*. Machiavelli representa, emblematicamente, a objectividade e a racionalidade florentinas, ocupando, porém, uma posição muito particular, quando considerada no seio da atmosfera que dominava Florença. As páginas do tratado refinam o jogo subtil e inteligente que analisámos na carta que o exilado de San Casciano dirige a Francesco Vettori. Com efeito, a perspectiva em que se coloca condiciona, de um modo muito premente, os seus esboços. Um Secretário da República, que disserta sobre o Principado, dedica as suas reflexões a um Príncipe que anseia ser senhor absoluto, vendo-se, porém, impedido de actuar como tal. Mas essa singularidade é também fruto do posicionamento pessoal, muito específico, de um “não alinhado”, que defende a sua dignidade mostrando a agudeza com que é capaz de reconhecer as razões da ruína da República e de delinear uma estratégia para a afirmação de um Principado forte.

Da mesma feita, é à luz dessa complexa rede de intersecções que melhor se poderá compreender o facto de o retrato do Príncipe não ter sido gizado a partir do decalque de uma figura histórica precisa, apesar de pressupor uma ampla galeria de imagens, o que em muito teria contribuído para a sua capacidade projectiva³⁴. O posicionamento de um significativo número de membros da família Medici em altos cargos do poder criou um clima generalizado de expectativas, ao qual Machiavelli respondeu com a proposta de um governante forte e decidido, cujo fulgor foi consagrado pelo título através do qual a obra ficou conhecida — *Il Principe*, entre a incidência tipológica do substantivo e a determinação do artigo. Na verdade, o tratado estimulou um vivo debate acerca do tipo de governante que mais conviria aos interesses de Florença³⁵.

³⁴ A hipótese de acordo com a qual o retrato do Príncipe seria inspirado na figura do rei português D. João II carece de bases sólidas. Sobre a recepção de Machiavelli em Portugal, vd. Giuseppe Carlo Rossi, “Il Machiavelli in Portogallo”: *Revista da Faculdade de Letras*, 3. série, 13, 1971 [Universidade de Lisboa], pp. 377-93; e Martim de Albuquerque, *A sombra de Maquiavel e a ética tradicional portuguesa. Ensaio de história das ideias políticas*. Lisboa, Instituto Histórico Infante D. Henrique da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1974. Também na citada obra de Nair de Nazaré Castro Soares se encontram muitas informações sobre o assunto, em particular pelo que diz respeito ao século XVI.

³⁵ Cf. n. 19. Fruto extremo do debate crítico suscitado pelo tratado de Machiavelli, é o *De regnandi peritia* de Agostino Nifo, uma obra composta por cinco livros, que quase corresponde a uma tradução para latim de *Il Principe*. A exclusão dos passos mais originais

As páginas consagradas à caracterização específica do seu retrato foram, sem dúvida, as que, na época, suscitaram uma maior reacção. Na sua base, encontra-se a concepção de que os homens não são bons, por valorizarem em demasia os seus interesses pessoais³⁶, o que relativiza a função do governante, pois um homem que queira ser bom arruína-se perante outros que o não são³⁷. Essa constatação vai ser analisada racionalmente, na tentativa de compreender como é possível fazer face a tal imperativo. Apesar de considerar desejável que um Príncipe tenha todas as qualidades, Machiavelli entende que “[...] le condizioni umane [...] non lo consentono”³⁸. Por conseguinte, ele deve saber evitar a infâmia dos vícios prejudiciais ao governo, mas não se deve preocupar em incorrer naqueles de que possa tirar partido na administração do Estado³⁹. Quanto à liberalidade, é aconselhada prudência, quer na distribuição de benesses, quer na cobrança de impostos. Pese embora o desagrado que essa conduta inspire a uma minoria habituada a viver de favores, assim poderá ser feita uma economia que permita o financiamento de outras empresas, em particular da guerra⁴⁰. Além disso, o Príncipe deve ser temido e amado. Contudo, não lhe sendo possível conciliar essas duas facetas, é preferível que seja temido, pois a sua crueldade torna os súbditos unidos e fiéis⁴¹. Mas o momento mais incisivo de toda a obra é aque-

e inovadores tem por correlato a introdução de uma perspectiva moralizante. Nesse sentido, Nifo foi o precursor do chamado maquiavelismo, entendido como leitura desviante do pensamento de Machiavelli, cuja complexidade é reduzida a uma astúcia diabólica e a uma perfídia governativa que desconhecem limites. Remontando o *De regnandi peritia* a 1523, nele fica contida uma resposta antecipada a *Il Principe*, cuja primeira edição só foi dada aos prelos em 1532.

³⁶ Cf. o capítulo 15, bem como o seguinte passo do capítulo 18.: “E se gli uomini fussino tutti buoni, questo precetto non sarebbe buono; ma perché sono tristi, e non la osservarebbono a te, tu etiam non l’hai ad osservare a loro.” (*Il Principe*, p. 283).

³⁷ “[...] Uno uomo che voglia fare in tutte le parte professione di buono, conviene rovini infra tanti che non sono buoni.” (*ib.* 15, p. 280).

³⁸ *Ib.*

³⁹ “Et etiam non si curi di incorrere nella infamia di quelli vizii senza quali e’ possa difficilmente salvare lo stato; perché, se si considerrà bene tutto, si troverrà qualche cosa che parrà virtù, e, seguendola, sarebbe la ruina sua; e qualcuna altra che parrà vizio, e, seguendola, ne riesce la securtà e il bene essere suo.” (*ib.*).

⁴⁰ “Uno principe, adunque, non potendo usare questa virtù del liberale, senza suo danno, in modo che la sia conosciuta, debbe, s’egli è prudente, non si curare del nome del misero: perché col tempo sarà tenuto sempre più liberale, veggendo che con la sua parsimonia le sua intrate li bastano, può defendersi da chi li fa la guerra, può fare imprese senza gravare e’ populi” (*ib.*, 16, p. 281).

⁴¹ “Debbe, pertanto, uno principe non si curare della infamia di crudele, per tenere li sud

le em que é comparado a um Centauro, metade homem e metade animal:

Dovete, adunque, sapere come sono dua generazioni di combattere: l'uno con le leggi, l'altro con la forza: quel primo è proprio dello uomo, quel secondo è delle bestie: ma perché el primo molte volte non basta, conviene ricorrere al secondo. Pertanto, a uno principe è necessario sapere bene usare la bestia e l'uomo. Questa parte è suta insegnata a' principi copertamente dagli antichi scrittori; li quali scrivono come Achille e molti altri di quelli principi antichi furono dati a nutrire a Chirone centauro, che sotto la sua disciplina li custodissi. Il che non vuole dire altro, avere per precettore uno mezzo bestia e mezzo uomo, se non che bisogna a uno principe sapere usare l'una e l'altra natura; e l'una senza l'altra non è durabile.

Sendo, dunque, uno principe necessitato sapere bene usare la bestia, debbe di quelle pigliare la golpe e il liono⁴².

O bom governante deve saber tirar o melhor partido da simbiose entre, por um lado, a correcta organização cívica, no que diz respeito à criação de um sistema de regulação social, e, por outro lado, a esfera do comportamento animal, no que concerne o uso de uma força semelhante à do leão e de uma astúcia como a da raposa.

Na verdade, não é esse o único momento do tratado em que se valoriza a sobreposição de características antagónicas. Os princípios gerais a que obedece o retrato do governante fundam-se na coexistência de duas vertentes, uma, vitalista e enérgica, outra, prudente e controlada. Apesar de a sua dinâmica desencadear um contínuo conflito, nenhuma delas anula a outra. Pelo contrário, o atrito que entre elas se gera é uma arma essencial da acção governativa. Aí reside a teatralidade que imbui, em toda a linha, a arte de ser Príncipe. Um Príncipe não precisa de ter, efectivamente, todas as qualidades, mas antes de parecer que as possui. A piedade, a fidelidade, a humanidade, a integridade e a religiosidade não podem ser sempre respeitadas, porque os homens não são bons: "Ognuno vede quello che tu pari, pochi sentono quello che tu se"⁴³.

diti suoi uniti e in fede; perché, con pochissimi esempi, sarà più pietoso che quelli e' quali, per troppa pietà, lasciono seguire e' disordini, di che ne nasca occisioni o rapine. [...] Nasce da questo una disputa: s'egli è meglio essere amato che temuto, o e converso. Rispondesi che si vorrebbe essere l'uno e l'altro; ma perché egli è difficile accozzarli insieme, è molto più sicuro essere temuto che amato, quando si abbia a mancare dell'uno de' dua." (*ib.*, 17, p. 282).

⁴² *Ib.*, 18, p. 283.

⁴³ *Ib.*, 284.

O grande motivo em virtude do qual o perfil traçado por Machiavelli tanto susceptibilizou os seus leitores, foi o facto de se situar para aquém e para além dos códigos da ética humanista. O Humanismo cristão exaltou um ideal, inspirado no exemplo dos Antigos e iluminado pelos preceitos dos Padres da Igreja, que visava a perfeição absoluta. Suprema virtude, em consonância com Santo Agostinho e os Estóicos, era a de ser capaz de dominar todos os vícios. De outra forma, o autor de *Il Principe* não aspira a um modelo perfeito, nesses termos exactos, assumindo até que o excesso de perfeição, num contexto governativo, pode redundar em defeito.

Benedetto Croce, num artigo incluído em *Etica e politica*, elaborou uma interpretação histórica desse contraste, pondo em relevo a grande descoberta de Machiavelli, a necessidade e a autonomia da política, “[...] che non si può esorcizzare e cacciare dal mondo con l’acqua benedetta”⁴⁴. Enquanto domínio conceptual autónomo, a política não pode seguir as normas da ética, nem pode ser avaliada, por consequência, a partir delas. Não quererá isto dizer, de modo algum, que a distinção entre o bem e o mal seja tida por irrelevante⁴⁵. Na realidade, é instituído um ponto de vista diferente, em cujo âmbito a questão ética é considerada no contexto de muitas outras articulações. Foi nesse sentido que Antonio Gramsci, nos *Quaderni del carcere*, viu na figura do Príncipe o fulcro de um mito cuja sombra “[...] diventa la base di un laicismo moderno e di una completa laicizzazione di tutta la vita e di tutti i rapporti di costume”⁴⁶.

Interpretar o seu pensamento como uma doutrina segundo a qual os fins explicam os meios redundam, por isso, numa atitude extremamente redutora. Na sua base, encontra-se um racionalismo analítico que assenta em constatações de índole histórica e antropológica de largo alcance, ou, para utilizar as palavras de *Il*

⁴⁴ “Machiavelli e Vico — la politica e l’etica”, *Etica e politica*. Bari, Laterza, [1931] 1967, p. 205.

⁴⁵ O problema ético é até colocado, de modo particularmente premente, no capítulo 15. (cf. *supra*, n. 37), bem como no capítulo 26. Neste último, que conclui o tratado, fica contida, de acordo com o seu título, uma “Exhortatio ad capessendam Italiam in libertatemque a barbaris vindicandam” (*Il Principe*, pp. 296-98). Aliás, o facto de, na óptica de Machiavelli, o Príncipe dever “[...] imparare a potere essere non buono” (*ib.*, 15, p. 280) poderá pressupor a convicção de que ele é, efectivamente, bom, sobrepondo-se, porém, à sua benevolência, uma estratégia politicamente determinada.

⁴⁶ “Noterelle sulla politica del Machiavelli”, *Quaderni del carcere* [“Tredicesimo quaderno”], *Le opere*. A cura di Antonio A. Santucci, con una lettera di Valentino Gerratana, Roma, Editori Riuniti, 1997, p. 360. É na linha de leitura traçada por Croce e por Gramsci que se têm vindo a posicionar as mais relevantes interpretações da obra de Machiavelli. Valha por todas a remissão para Gennaro Sasso, *Niccolò Machiavelli. 1. Il pensiero politico*. Bologna, Il Mulino, [1958] 1993.

Principe, de índole *effettuale*:

Ma sendo l'intento mio scrivere cosa utile a chi la intende, mi è parso più conveniente andare drieto alla verità *effettuale* della cosa, che alla imagnazione di essa⁴⁷.

Ora, a *verità effettuale* de Machiavelli não compreende nem o fenómeno isolado, nem a idealização falseadora, incidindo antes sobre uma realidade em movimento que só pode ser entendida na dinâmica interrelacional dos factores que a constituem. É o *effettuale* o fundamento essencial da estratégia política mediante a qual um Príncipe novo poderá parecer antigo:

Le cose soprascritte, osservate prudentemente, fanno parere, uno principe nuovo, antico e lo rendono subito più sicuro e più fermo nello stato, che se vi fussi antiquato drento. Perché uno principe nuovo è molto più osservato nelle sue azioni che uno ereditario; e quando le sono conosciute virtuose, pigliano molto più gli uomini e molto più gli obligano che il sangue antico⁴⁸.

5

O passo transcrito assume, na estrutura do tratado, uma função concludente, pelo que diz respeito ao retrato do Príncipe. Se observar os preceitos enunciados, o novo governante poderá parecer antigo. Por essa via, ser-lhe-á possível enfrentar eficazmente os problemas mencionados logo no início do tratado, relativos ao domínio de Principados recentemente adquiridos. Como tal, a estratégia concebida, ao confluir na problemática do “parecer”, traz também para primeiro plano a questão da imitação. Esse tema assume, no âmbito conceptual, uma importância de primeiro plano, quer no campo do comportamento, quer no campo literário.

Em conformidade com a metodologia humanista, Machiavelli atribui ao exemplo o mais alto valor. Percorrer vias já experimentadas é não só uma forma de garantir o bom êxito da acção, como também de alimentar aquele confronto com valores mais elevados, que coloca o ser humano perante exigências cada vez maiores:

Non si maravigli alcuno se, nel parlare che io farò de' principati al tutto nuovi, e di principe e di stato, io addurrò grandissimi esempi; perché, camminando gli uomini quasi sempre per le vie battute da altri, e procedendo

⁴⁷ *Il Principe*, 15, p. 280.

⁴⁸ *Ib.*, 24, p. 294.

nelle azioni loro con le imitazioni, né si potendo le vie di altri al tutto tenere, né alla virtù di quelli che tu imiti aggiugnere, debbe uno uomo prudente intrare sempre per vie battute da uomini grandi, e quelli che sono stati eccellentissimi imitare, acciò che, se la sua virtù non vi arriva, almeno ne renda qualche odore; e fare come gli arcieri prudenti, a' quali parendo el loco dove disegnano ferire troppo lontano, e conoscendo fino a quanto va la virtù del loro arco, pongono la mira assai più alta che il loco destinato, non per aggiugnere con la loro freccia a tanta altezza, ma per potere, con lo aiuto di sì alta mira, pervenire al disegno loro⁴⁹.

Como tal, também para a formação do Príncipe é indispensável o conhecimento da história dos grandes homens, a fim de que possa tirar o melhor proveito, pela positiva, do exemplo das suas vitórias, e, pela negativa, dos seus infortúnios:

Ma quanto allo esercizio della mente, debbe il principe leggere le istorie, e in quelle considerare le azioni degli uomini eccellenti; vedere come si sono governati nelle guerre; esaminare le cagioni delle vittorie e perdite loro, per potere queste fuggire, e quelle imitare; e, sopra tutto, fare come ha fatto per lo adrieto qualche uomo eccellente, che ha preso ad imitare se alcuno innanzi a lui è stato laudato e gloriato, e di quello ha tenuto sempre e' gesti ed azioni appresso di sé: come si dice che Alessandro Magno imitava Achille; Cesare, Alessandro; Scipione, Ciro. E qualunque legge la vita di Ciro scritta da Senofonte, riconosce di poi nella vita di Scipione quanto quella imitazione li fu di gloria, e quanto, nella castità, affabilità, umanità, liberalità Scipione si conformassi con quelle cose che di Ciro da Senofonte sono sute scritte⁵⁰.

A questão da imitação envolve, pois, uma reflexão de ordem erudita que desemboca, a cada passo, numa actuação prática⁵¹. As informações sobre a relação entre Alexandre Magno e Aquiles foram obtidas através da leitura de Plutarco e de Clúvio Rufo. Do modo como César considerava Alexandre, estaria Machiavelli informado através de Gaio Suetónio. Quanto a Cipião e Ciro, a fonte será Cícero. Mas toda essa argumentação converge para um fim, o de que o Príncipe “debbe, pertanto, mai levare el pensiero da questo esercizio della guerra”⁵². Nem deixam de ser apresentados exemplos de governantes contemporâneos a serem seguidos, em algumas das

⁴⁹ *Ib.*, 6, p. 264.

⁵⁰ *Ib.*, 14, p. 279.

⁵¹ Para as fontes de *Il Principe*, vd. o quadro traçado por Giorgio Inglese, *op. cit.*, pp. 921-28.

⁵² *Il Principe*, 14, p. 279.

suas facetas, como acontece com o tão admirado Cesare Borgia, “[...] imitabile a tutti coloro che per fortuna e con l’arme d’altri sono ascesi allo imperio”⁵³.

Apesar da grande importância dada à questão da imitação, *Il Principe*, enquanto tratado político, afasta-se claramente da tipologia dos *specula principis*, tal como fora concebida pelos humanistas. Machiavelli não tem por objectivo traçar um elenco organizado de virtudes ideais do governante. Outro é o terreno em que se move:

E molti si sono imaginati republiche e principati che non si sono mai visti né conosciuti essere in vero; perché egli è tanto discosto da come si vive a come si doverrebbe vivere, che colui che lascia quello che si fa per quello che si doverrebbe fare impara piuttosto la ruina che la preservazione sua: perché uno uomo che voglia fare in tutte le parte professione di buono, conviene rovinarsi infra tanti che non sono buoni. Onde è necessario a uno principe, volendosi mantenere, imparare a potere essere non buono, e usarlo e non l’usare secondo la necessità⁵⁴.

O autor de *Il Principe* não labora a partir de dados da imaginação, mas a partir de situações verdadeiras. Não lhe interessa indagar como se deveria viver, mas como se vive, tendo em vista finalidades muito precisas, de ordem pragmática, ou seja, *effettuale*. Daí a índole das inovações introduzidas na tratadística da época.

Paralelamente, também a forma como maneja as *auctoritates* subjacentes ao seu texto obedece a um complexo jogo perspectico.

No 21. livro do *Ab urbe condita*, Tito Lívio recorda a figura de Aníbal, e não só com todas as suas admiráveis qualidades, como também com todos os seus monstruosos vícios:

Has tantas viri virtutes ingentia vitia aequabant: inhumana crudelitas perfidia plus quam Punica, nihil veri nihil sancti, nullus deum metus nullum ius iurandum nulla religio⁵⁵.

Machiavelli de modo algum advoga que o seu Príncipe, a exemplo de Aníbal, seja dotado de uma crueldade desumana e de uma perfídia implacável, e que o seu respeito pela verdade, pela santidade, pelos deuses, pelos compromissos e pela

⁵³ *Ib.*, 7, p. 268.

⁵⁴ *Ib.*, 15, p. 280.

⁵⁵ *Livy in Fourteen Volumes. V. Books XXI-XXII*. With an english translation by B. O. Foster, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, London, William Heinemann Ltd, 1982, 21.4.9.

religião não tenha qualquer valia. Mas, na realidade, também não defende o contrário. A situação é observada a partir de outro ponto de vista:

Debbe, adunque, avere uno principe gran cura che non gli esca mai di bocca una cosa che non sia piena delle soprascritte cinque qualità; e paia, a vederlo e udirlo, tutto pietà, tutto fede, tutto integrità, tutto umanità, tutto religione. E non è cosa più necessaria a parere di avere che questa ultima qualità⁵⁶.

O que o Aníbal de Tito Lívio efectivamente era, é o que o Príncipe não deve parecer. Diversa é a questão de que, na realidade, o seja.

Os exemplos poder-se-iam multiplicar. Recordemos apenas mais um, que diz respeito ao modo como Cícero, no *De officiis*, apresenta a raposa e o leão, símbolo da injustiça, pelo que ambos são, por consequência, indignos do homem:

cum autem duobus modis, id est aut vi aut fraude fiat iniuria, fraus quasi vulpeculae, vis leonis videtur; utrumque homine alienissimum. Sed fraus odio digna maiore. Totius autem iniustitiae nulla capitalior quam eorum, qui tum, cum maxime fallunt, id agunt, ut viri boni esse videantur⁵⁷.

De outra forma, para Machiavelli, o Príncipe deve saber defender-se das armadilhas, como a raposa, e deve saber espantar os lobos, como o leão:

Sendo, dunque, uno principe necessitato sapere bene usare la bestia, debbe di quelle pigliare la golpe e il liono; perché il liono non si defende da' lacci, la golpe non si defende da' lupi. Bisogna, adunque, essere golpe a conoscere e' lacci, e liono a sbigottire e' lupi. Coloro che stanno semplicemente in sul liono, non se ne intendano⁵⁸.

Se, para Cícero, nenhum dos dois animais simbolizava, de forma alguma, características edificantes, para Machiavelli, nenhum deles se basta, por si próprio, razão pela qual se torna absolutamente necessário saber tirar partido de ambos⁵⁹.

⁵⁶ *Il Principe*, 18, p. 284.

⁵⁷ M. Tulli Ciceronis, *Scripta quae manserunt omnia. Fasc. 48. De officiis*. Quartum recognovit C. Atzert [...], Lipsia, Teubneri, 1963, 1.13.41.

⁵⁸ *Il Principe*, 18, p. 283.

⁵⁹ A imagem do leão e da raposa foi muito utilizada, ao longo de todos os séculos e no contexto das mais variadas literaturas, para representar impulsos anímicos, adquirindo, por vezes, uma dimensão quase proverbial. Píndaro, ao terminar a 11. *Olímpica*, põe em relevo o carácter inconciliável dos dois animais: “Τὸ γὰρ ἐμφυῆς οὔτ’ αἰθῶν ἀλώπηξ οὔτ’ ἐρίβρομοι λέοντες διαλλάξαιντο ἦθος” (“Jamais le renard fauve et les lions rugissants n’échangeront entre eux leur nature.”), Píndare, *Olympiques*. Texte établi et traduit

No modo como trabalha as fontes que maneja, o autor de *Il Principe* mostra-se, pois, exímio estratega de um jogo de dualidades que imita, deslocando a imagem para um outro espelho, onde depois a inverte. Mas esse processo de modelação transformativa torna-se ainda mais sintomático, se tivermos em linha de conta que os seus efeitos incidem sobre passos e fontes aos quais toda a ética humanista e, em particular, toda a precedente tratadística dos *specula principum*, tinham abribuído um valor exemplar canónico. Aliás, já a carta a Vettori mostrava bem a arte com que Machiavelli dominava essa forma de *ghiribizo*.

6

A solidez e a coerência do retrato do Príncipe são postas em relevo pelo facto de as opções literárias que lhe subjazem serem sustidas pelo carácter *effettuale* da estratégia pessoal e política investida. Essa conjuntura não implica, de modo algum, a subalternização do literário relativamente ao pessoal e ao político. Na realidade, é o primeiro desses âmbitos a acentuar a verdadeira dimensão dos dois segundos. O afastamento do cânone dos *specula* está para os efeitos reflectores de inversão a que são sujeitas as fontes manejadas, erigindo-se, por isso, em via privilegiada, no sentido de uma profunda compreensão da estratégia de teorização levada a cabo em *Il Principe*.

Nunca um Príncipe novo pode ser antigo. Poderá, de facto, parecê-lo. Basta que se contemple e que se faça contemplar através do *speculum* de Machiavelli. Nele se projecta não só “[...] una lunga esperienza delle cose moderne”, como também “[...] una continua lezione delle antiche”.

par Aimé Puech, Paris, Les Belles Lettres, 1949, 3. éd. revue et corrigée [reed.], 11.19-21, pp. 136-37). Em Plutarco, o modo como é apresentado o carácter de Lisandro, intriguista e velhaco, contrasta com o juízo pessoal da personagem, que tece a apologia não só do leão, como também da raposa: “ὅπου γὰρ ἡ λεωντῆ μὴ ἐφικνεῖται, προσραπτέον ἐκεῖ τὴν ἀλωπεκῆν.” (“Partout, disait-il, ou la peau du lion ne suffit pas, il faut y coudre celle du renard.”, Plutarque, *Vies. 6. Pyrrhos-Marius, Lysandre-Sylla*. Texte établi et traduit par Robert Flacelière, Paris, Les Belles Lettres, 1971 [reed.], 7.6, p. 181). Dante coloca essa mesma imagem na boca de Guido da Montefeltro, “Mentre ch’io forma fui d’ossa e di polpe / che la madre mi diè, l’opere mie / non furon leonine, ma di volpe.” (*Commedia*. A cura di Emilio Pasquini e Antonio Quaglio, Milano, Garzanti, 1987, *Inf.* 27.73-75, pp. 272-73), mas o orgulho da personagem perante a sua própria astúcia merece a punição divina, pois foi condenada às penas do Inferno. Nesse amplo quadro, destaca-se quer a veemência com que Cícero, numa perspectiva ética, censurou a violência simbolizada pelo leão e a astúcia característica da raposa, quer o entusiasmo com que Machiavelli, sob um ponto de vista político, exortou a adopção do exemplo simbolizado por esses animais.

(Página deixada propositadamente em branco)



ISBN 972-8704-25-9



9 789728 704254

ISBN 84-600-9775-7



9 788460 097754